

# O FENÔMENO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA À LUZ DA PSICANÁLISE

## THE PHENOMENON OF CHEMICAL DEPENDENCE IN THE LIGHT OF PSYCHOANALYSIS

<sup>1</sup> OLIVEIRA, G. H.; <sup>2</sup> MOREIRA, V. B.

<sup>1e2</sup> Departamento de Psicologia – Centro Universitário das  
Faculdades Integradas de Ourinhos - UNIFIO/FEMM

### RESUMO

A dependência química sempre existiu ao longo da existência humana, mas é apenas no século XX que o uso prejudicial de drogas se caracteriza como um problema social a ser lido. Esse estado de dependência refere-se a uma relação que o sujeito possui com as drogas e a forma como ele consome um determinado tipo de substância. Atualmente, a dependência química é uma questão de saúde pública que está crescendo na sociedade, causando impactos em níveis sociais e individuais, sendo consideradas substâncias psicoativas aquelas que modificam o estado de consciência do indivíduo. Para Sigmund Freud, o uso de drogas está relacionado a busca máxima do prazer, já que o ser humano procura encontrar situações que lhe proporcionam prazer e que diminuam ou eliminem condições que causam dor e sofrimento. A psicanálise traz contribuições e reflexões acerca da drogadição, abordando como esse fenômeno é visto e tratado na visão psicanalítica. A partir disso, a finalidade deste projeto de pesquisa consiste em realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a dependência química, seus aspectos históricos e a sua relação com a estrutura psíquica. Além disso, abordar os mecanismos psíquicos que estão envolvidos nesse processo e as possíveis causas biopsicossociais que podem levar a dependência química, utilizando a psicanálise como viés principal da pesquisa. Esse estudo se justifica pela necessidade de promover discussões e estudos sobre o tema, visto que se tornou uma questão atual e complexa em nosso convívio, na qual, a atuação e compreensão da Psicanálise contribuirá para oferecer uma escuta qualificada e acolhimento a toda população.

**Palavras-chaves:** Dependência Química; Drogadição; Psicanálise.

### ABSTRACT

Chemical dependence has always existed throughout human existence, but it is only in the 20th century that the harmful use of drugs is characterized as a social problem to be dealt with. This state of dependence refers to a relationship that the individual has with drugs and the way in which he consumes a particular type of substance. Currently, chemical dependence is a public health issue that is growing in society, causing impacts on social and individual levels, being considered psychoactive substances those that modify the individual's state of consciousness. For Sigmund Freud, drug use is related to the maximum pursuit of pleasure, since human beings seek to find situations that give them pleasure and that reduce or eliminate conditions that cause pain and suffering. Psychoanalysis brings contributions and reflections about drug addiction, addressing how this phenomenon is seen and treated in the psychoanalytic view. From this, the purpose of this research project is to carry out a bibliographic research on chemical dependence, its historical aspects and its relationship with the psychic structure. In addition, to address the psychic mechanisms that are involved in this process and the possible biopsychosocial causes that can lead to chemical dependence, using psychoanalysis as the main research bias. This study is justified by the need to promote discussions and studies on the subject, since it has become a current and complex issue in our coexistence, in which the performance and understanding of Psychology is essential to offer a qualified listening and reception to the entire population.

**Keywords:** Chemical Dependency; Drug Addiction; Psychoanalysis.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, a dependência química é uma questão de saúde pública que vem crescendo na sociedade, ultrapassando as esferas políticas, emocionais e sociais. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o uso abusivo de substâncias

psicoativas como uma doença crônica, progressiva e primária, podendo gerar outras doenças. (MEDEIROS *et al.*, 2013)

Segundo Freitas (2015), o consumo de drogas psicoativas sempre existiu ao longo da história da humanidade. É possível encontramos em grande parte das culturas e povos existentes o uso de drogas feito durante rituais e cerimônias religiosas. Entretanto, nas últimas décadas, o consumo de substâncias lícitas e ilícitas vem causando grandes impactos negativos em níveis sociais e individuais, principalmente em adolescentes e jovens.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o termo “droga” refere-se a qualquer substância química ou misturas que alteram a função biológica e possivelmente a estrutura do organismo. As substâncias psicoativas ou drogas psicotrópicas são aquelas que atuam sobre o cérebro, modificando o seu funcionamento, podendo provocar alterações no comportamento e estados de consciência. (OMS, 1981)

O uso abusivo de substâncias psicoativas trata-se de um problema que envolve inúmeros fatores, e que por muitas vezes esses fatores não são devidamente analisados, e a responsabilidade do uso acaba sempre sendo associado apenas ao sujeito, sem avaliar seu contexto, suas relações e o que aquele uso significa para a pessoa. Dessa forma o uso abusivo é visto pelo senso comum, e até por alguns profissionais da saúde, como algo relacionado apenas a fatores biológicos e psicológicos, excluindo a dimensão social e subjetiva do sujeito (MEDEIROS *et al.*, 2013).

A dependência química se refere aos usuários que necessitam de repetidas doses de droga para sentir-se confortável e/ou evitar sensações desagradáveis. Esse estado de dependência da substância significa que o indivíduo já não possui controle sobre o consumo, tornando-o submisso à droga (SOCCOL *et al.*, 2014).

A partir disso, a finalidade deste trabalho consiste em abordar e discutir, através de pesquisa bibliográfica, a existência das drogas na humanidade, seus aspectos históricos, a sua conceituação e a compreensão psicanalítica sobre essa temática. A pesquisa será fundamentada por meio da psicanálise, tendo como referencial-teórico Sigmund Freud.

## METODOLOGIA

O presente artigo configura-se em uma pesquisa qualitativa, sendo fundamentada com base em pesquisas bibliográficas, a fim de uma melhor compreensão acerca das questões que envolvem a dependência química na visão da psicanálise. Foram utilizadas para compor a fundamentação teórica do trabalho em questão fontes bibliográficas como periódicos, artigos científicos e livros, sendo as fontes de buscas o Scielo, Google Acadêmico e Biblioteca Virtual.

## DESENVOLVIMENTO

### BREVE HISTÓRICO SOBRE AS DROGAS

Historicamente, as drogas estiveram presentes em todas as sociedades de organização primitivas, em festas, cultos e rituais religiosos, além de ser um dos bens mais disputados e cobiçados entre os séculos XVI e XVII, em que a sua comercialização já ocasionaram guerras, como a Guerra do Ópio, na China, no século XIX. (SOUZA; CALVETE, 2017)

Segundo os autores supracitados, no início, as drogas tinham um sentido social e sagrado, sendo utilizadas por terapeutas para atingirem resultados eficazes na cura de doenças – com um fundamento mágico e sem uma lógica racional. Em casos de epidemia por alguma doença, por exemplo, algumas drogas eram utilizadas como curativas e como remédios.

Embora essas substâncias hoje instiguem, de modo geral, uma ideia negativa na sociedade, outrora, as drogas foram veneradas. A própria representação do vinho, por exemplo, como um deus, criado na figura de Dionísio (deus grego) e de Baco (deus romano), explicita bem o significado deste produto para o homem. (SOUZA; CALVETE, 2017, p. 3)

Os autores ainda complementam:

Além do uso farmacológico, os psicoativos também eram utilizados em festas [...]. Ademais, as drogas estavam incluídas também nos rituais religiosos [...]. Nas comunidades xamanísticas, as drogas aproximavam as entidades espirituais do xamã, que encontrava na meditação, no jejum ou na ingestão de substâncias psicoativas, o caminho para abandonar seu corpo, transformar-se em espírito e viajar. Até hoje algumas religiões utilizam enteógenos (como preferem chamar) nos seus rituais, como é o caso da ayahuasca, que é bebida pelos seguidores da Doutrina do Santo Daime. (SOUZA; CALVETE, 2017, p. 3)

De acordo com Almeida (2013), as drogas podem ser divididas entre naturais, que são aquelas que são extraídas da natureza e não são produzidas em laboratórios,

como a maconha; e as sintéticas, que são aquelas produzidas em laboratório a partir de várias substâncias químicas, como o LSD e o Êxtase.

A cocaína, por exemplo, é uma das drogas mais conhecidas mundialmente e é também uma das drogas mais antigas na humanidade. Historicamente, há indícios da cocaína sendo utilizada em meados do século XIX por indígenas que vivem na região do império inca, em que utilizavam as folhas de coca como um ato religioso, sendo jogadas nas tumbas dos mortos. Nos Estados Unidos, a cocaína era consumida livremente, sendo vendida nas ruas de diferentes formas, como cigarros, pó e também em forma injetável. A sua proibição ocorreu em 1914, fazendo com que o seu preço também aumentasse. Na Europa, a cocaína era utilizada pelas classes médias como tratamento da depressão, doenças digestivas, alcoolismo e como anestésico local. (ALMEIDA, 2013)

No Brasil, a cocaína chega em meados do século XX, como parte integrante na composição de remédios e na sua forma pura. Durante um período, a cocaína era consumida legalmente e era acessível a todos os públicos, porém, com a proibição da comercialização em 1921, os preços foram elevados restringindo o número e a classe social que a consumia. Segundo Almeida (2013, p. 8): “Hoje em dia a cocaína em todo o mundo é uma droga cara, na qual é consumida por classe social mais alta. Isto acontece porque o seu refinamento é muito caro.”

A cocaína alcançou sua glória devido aos efeitos excitantes e eufóricos que causam no ser humano e também pela variedade de formas de consumo – podendo ser inalada, injetada ou fumada. Embora a droga tivesse passado por todos os continentes, não chegou a ser considerada uma “epidemia” como o ópio, por exemplo, pois o consumo do “pó” não pertenceu às cestas de bens das camadas sociais mais baixas. Para tais classes, surgiram novos produtos derivados da coca, como o crack. (SOUZA; CALVETE, 2017, p. 10)

A maconha, por sua vez, também muito conhecida popularmente, é derivada do *cannabis*, sendo uma droga cultivada a milhares de anos, tendo o seu registro em 2.700 a.C. Na Europa, o seu uso era voltado à fabricação de papel e tecido; depois, com o passar do tempo, também foi sendo utilizada para uso pessoal.

A maconha sempre foi também muito cultivada nos Estados Unidos, onde é legalizada em alguns estados, como na Califórnia, sendo liberada para o consumo próprio e uso medicinal. No Brasil, a maconha chegou através dos colonizadores e também por africanos escravos no século XVI. Em XVIII, há indícios da maconha sendo utilizada pela coroa portuguesa, que eram a favor do uso. (ALMEIDA, 2013)

Com o estudo feito sobre as drogas, observei que o consumo das drogas sintéticas vem aumentando cada vez mais, inclusive o crack. O consumo também está totalmente ligado à sua classe social, pois para sustentar esse

vício as pessoas precisam de dinheiro, e muitas das vezes usam uma droga mais barata pois não tem o valor suficiente para comprar uma outra mais cara. (ALMEIDA, 2013, p. 16)

De acordo com Souza e Calvete (2017), no princípio, as drogas tinham um significado um pouco diferente ao que têm hoje. Elas acompanhavam a organização socioeconômica da época, usadas no coletivo e não ocasionavam problemas sociais.

Embora úteis para a comunidade, não representavam valor econômico, isto é, as drogas agregavam somente valor de uso. Assim, era essa a representatividade das drogas até a Idade Antiga. (SOUZA; CALVETE, 2017, p. 5)

Sobre isso, o autor Almeida ressalta:

Observei também que as drogas sintéticas mais caras foram todas sintetizadas por europeus, na maioria deles alemães. Importante ressaltar que o uso das drogas sintéticas no início de tudo não era para ser usadas como diversão e sim para algum uso médico. Mais sempre com o passar dos anos a população descobria o seu poder alucinógeno, e passavam a usar apenas com divertimento. (ALMEIDA, 2013, p. 16)

Para Torcato (2016), há muitas drogas consideradas lícitas que são liberadas, consumidas e quando usadas em excesso são prejudiciais à saúde da população. Um exemplo disso é o álcool, que tem sua venda liberada, e muitas vezes essa substância é associada a momentos de prazer e alegria, sendo essa visão fortemente reforçada pelas mídias atualmente. Nenhuma substância psicoativa deve ser tratada como algo que deva ser escondido, afinal, elas estão circulando na sociedade, e a punição e privação não são as melhores formas de tratá-las. No entanto, é importante que a mídia não divulgue apenas os pontos positivos do uso do álcool, por exemplo, mas também demonstre seus prejuízos.

O cigarro pode ser considerado a droga mais letal e viciante de todas, porém é permitido. Até as bebidas estimulantes de origem vegetal, como o café, o chá e o mate, podem provocar dependência química e crises de abstinência. Percebe-se, portanto, que muitos produtos que compramos nos supermercados como alimento inócuo também são drogas. (TORCATO, 2016, p. 13).

Segundo o autor acima, essa comparação relacionada aos supermercados também é válida para as farmácias, que não é por acaso que são denominadas de drogarias até os dias atuais. Na antiguidade, o termo fármaco poderia designar, tanto remédio, quanto veneno, sendo um termo neutro que enfatiza a dose e as condições de uso como fatores fundamentais para determinar se a substância faz bem ou mal às pessoas.

As drogas, de forma geral, podem ser vistas como algo bom ou ruim, dependendo do contexto e das formas sociais de uso. Em alguns momentos históricos,

a droga não era considerada algo ruim, ela poderia ter efeitos positivos quando era relacionada a aplicações terapêuticas, como no controle de dores, desconfortos decorrentes das enfermidades e emoções indesejadas. Também, eram vistas e consideradas importantes na expressão de crenças religiosas (TORCATO, 2016).

Para Raupp e Sapiro (2009), apesar das drogas serem uma prática presente desde os primórdios da humanidade, é apenas nas últimas décadas que surgiram o abuso do uso prejudicial das substâncias, tomando dimensões preocupantes que, por vezes, trazem sérios prejuízos à população, principalmente aos adolescentes e jovens.

Sabe-se que o uso de drogas é uma prática que esteve presente em toda a história da humanidade. Não existem evidências de nenhuma sociedade humana na qual não fosse utilizado algum tipo de substância psicoativa. Contudo, o abuso de drogas é um marco social dos tempos atuais, crescente na sociedade contemporânea e que torna alarmantes os indicadores de produção e consumo de substâncias psicoativas. (DOCKHORN; RIBAS, 2013, n/p).

Nos dias atuais, segundo Souza e Calvete (2017), o que separa o uso de drogas nas festas pelos povos primitivos dos contemporâneos é a permissão ou não do uso. Após a proibição, algumas drogas foram excluídas do círculo social, mas o consumo de drogas lícitas, como o álcool, continuou sendo consumido; enquanto o uso de ilícitos passou a ser instrumento de exclusão dos indivíduos.

Além de que, nos dias atuais, dentre as substâncias lícitas, o álcool é o mais utilizado, seguido do tabaco. Dentre as drogas ilícitas, a mais consumida mundialmente é a maconha. (RAUPP e SAPIRO, 2009). Em relação aos países, em uma tabela apresentada pelos autores Souza e Calvete (2017), a América do norte é responsável por 41% do consumo mundial de cocaína, seguido pela União Europeia, com 26%. A América do Sul, América Central e Caribe ocupam o 3º lugar com relação ao consumo mundial, concentrando 20% dos usuários de cocaína. Dos países latino-americanos, os maiores consumidores estão no Brasil e na Argentina, com 900 mil e 600 mil usuários, respectivamente.

Também vale ressaltar que hoje em dia o uso de substâncias psicoativas é visto e tratado pela ordem da proibição e criminalização, denominado “luta contra as drogas”, no entanto essa uma visão errônea que se tem, pois, uma forma de controlar e até mesmo auxiliar seria a liberação das drogas, com isso teria uma maneira de regular o seu uso e venda de forma humanitária. Porém, atualmente, essa discussão não é validada politicamente e a forma que o estado lida com a questão do uso é trabalhando na lógica de criminalizar e proibir.

## CONCEITUANDO A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Atualmente, a dependência química tornou-se um fenômeno amplamente discutido na sociedade, devido ao uso abusivo de substâncias tornar-se um grave problema social e de saúde pública em nossa realidade. (SANTOS e PRATTA, 2009). Embora tenha inúmeras definições e conceituações sobre a dependência química, todas elas são concordantes em afirmar que a dependência é considerada uma relação estabelecida entre o indivíduo e o modo de consumir determinada substância. (FONTES, 2014)

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a dependência química como:

O estado psíquico e algumas vezes físico resultante da interação entre um organismo vivo e uma substância, caracterizado por modificações de comportamento e outras reações que sempre incluem o impulso a utilizar a substância de modo contínuo ou periódico com a finalidade de experimentar seus efeitos psíquicos e, algumas vezes, de evitar o desconforto da privação. (OMS, *s/a apud* FIDALGO *et al.*, 2011, p. 2)

Segundo os autores Fontes (2014) e Schimit *et al.* (2019), a dependência química é considerada uma doença crônica, caracterizada por comportamentos impulsivos e recorrentes da utilização de uma determinada substância para obter prazer e sensação de bem-estar, aliviando sensações desconfortáveis. No *Manual de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID-10) e no *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-V), a dependência química é entendida como um transtorno mental, sendo apontado que não apenas as substâncias podem provocar danos, mas também as consequências da falta do consumo, no caso, a abstinência.

Entretanto, para a psicanálise, segundo Vianna (2014), não há uma única concepção sobre a dependência química e um perfil específico do sujeito que faz uso da substância psicoativa, mas, sim, diferentes sujeitos que fazem uso de diferentes substâncias, cada um a seu modo e com uma relação singular com a droga.

A dependência química é um fenômeno complexo, não sendo possível delimitar a sua etiologia a partir de uma única concepção, pois envolve diversas variáveis. Com isso, não há uma explicação simples e única que consiga contemplar todos os aspectos que envolvem este fenômeno. Para Fidalgo (2011), podemos pensar a dependência química a partir de um tripé: 1) o meio sociocultural; 2) a substância; 3) o indivíduo.

O ambiente exerce grande influência na dependência química, pois é a partir dele que se desenrola o encontro do indivíduo com a droga, assim como o contexto em

que ela é utilizada. A substância, por sua vez, deve ser considerada a sua forma de apresentação, acessibilidade e custo, seu uso, suas características químicas e seus efeitos fisiológicos, pois cada substância terá efeitos e potenciais diferentes para gerar dependência. Por último, o indivíduo, o mais complexo dos elementos, pode ou não se tornar um dependente, dependendo da relação que estabelece com a droga. Ao analisar o seu funcionamento, é importante levar em consideração os seus fatores genéticos, biológicos e psicodinâmicos. (FIDALGO, 2011)

Segundo Hess *et al.* (2012), o uso abusivo de substâncias pode desencadear comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos, havendo evidências de que há uma associação do aumento da agressividade, recaídas e suicídios. Durante a intoxicação e abstinência, a substância pode causar sintomas de depressão, ansiedade e hipomania/mania, o que são confundidos, muitas vezes, com transtornos psiquiátricos previamente existentes, e não como transtornos secundários da dependência química.

A possibilidade de sintomas de abstinência ou de intoxicação serem entendidos como psicopatologias, bem como o fato de transtornos mentais serem entendidos como decorrentes do uso/abuso de substâncias químicas são pontos que devem ser cautelosamente avaliados e elucidados. A intensidade da sintomatologia psiquiátrica secundária ao consumo de drogas diminui após as primeiras semanas de abstinência, assim, um dos fatores relevantes neste processo de avaliação é o tempo decorrido desde a interrupção do uso da droga (HASS *et al.*, 2012, n/p)

A autora Schimith *et al.* (2019) aborda que esse entendimento de que a dependência química é uma doença traz algumas consequências. Por um lado, para que o tratamento seja realizado, o indivíduo precisa reconhecer que é um dependente químico e, conseqüentemente, que está em uma condição de dependência à uma substância que traz sofrimento. Por outro lado, existe a dificuldade em responsabilizar o indivíduo por seus atos cometidos e pelo uso da substância psicoativa.

Com isso, há inúmeras possibilidades de compreensão sobre a dependência química, podendo citar: 1) a separação entre a droga e o indivíduo, sendo a responsabilidade pelo consumo isolada em cada um dos envolvidos; 2) a interação entre ambos, de modo que não seja desconsiderado os aspectos particulares do indivíduo e da droga. (SCHIMITH *et al.*, 2019, n/p). A autora ainda ressalta: “Esses aspectos são importantes por impactarem na direção de tratamento que será adotada. Para os profissionais do campo da Psicologia, que lidam com a terapêutica, é importante conhecer esses modos de enfrentar o consumo de drogas.” (2019, n/p)

Para Pratta e Santos (2009), a dependência química é mundialmente classificada entre os transtornos psiquiátricos, sendo conhecida como uma doença



crônica que acompanha o indivíduo por toda a vida, trazendo prejuízos em diferentes âmbitos – sociais, psicológicos, físicos, entre outros. Entretanto, é sempre importante ressaltar que a dependência química pode ser tratada e controlada, reduzindo-se os sintomas, mesmo que o indivíduo em inúmeras vezes possa alterar entre o estado de controle e de retorno a sintomatologia.

[...] A dependência química é algo atual para se discutir, uma vez que somente a partir da segunda metade do século passado o conceito de dependência deixou de ser enfocado como um desvio de caráter, ou apenas como um conjunto de sintomas, para ganhar contornos de transtorno mental com características específicas (PRATTA; SANTOS, 2009, n/p)

Ao falar sobre dependência química, é comum surgirem algumas dúvidas sobre dois conceitos relacionados: a drogadição e a toxicomania. Segundo Schimith *et. al.* (2019), a palavra drogadição é empregada para referir-se ao consumo de substâncias psicoativas quando ocorre de forma problemática, sendo uma palavra traduzida do inglês *drug addiction*, que também poderia ser interpretado como adição às drogas.

O termo adição surgiu na República Romana, que significava escravização como pagamento de uma servidão, submissão ou dívida. A palavra possui, em sua raiz etimológica, um caráter de “submissão a um dono” que, nesse caso, seria a droga. Dessa maneira, a adição é entendida como uma relação de exclusividade entre o indivíduo e o objeto, seja este uma droga ou outro objeto qualquer. Ou seja, um indivíduo que consome excessivamente qualquer objeto pode ser considerado um adicto. (SCHIMITH *et al.*, 2019)

A toxicomania, por sua vez, é derivada da palavra *toxicum*, que pode ser compreendido como uma situação na qual há uma forma específica de comportamento: recorrer a substâncias, meios tóxicos ou drogas, tencionando a negação dos sofrimentos e/ou à busca de prazeres (SCHIMITH *et al.*, 2019). Entretanto, a palavra toxicomania pode ser compreendida em diferentes concepções, dependendo da localização em que é utilizada.

Ainda de acordo com a autora acima, é importante salientar que a drogadição e a toxicomania são conceitos diferentes, visto que a toxicomania seria um tipo especial de adição, pois o objeto de consumo é exclusivamente a droga. Além de que, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), há também uma diferenciação entre o consumo de drogas em excesso, sendo chamado de “transtornos relacionados à substância”, e os transtornos aditivos, que são compreendidos como “padrões comportamentais de excesso”.

Observamos, portanto, que existem diferentes maneiras de abordar o consumo abusivo de substâncias psicoativas, bem como modos diferenciados de nomeá-lo: toxicomania, dependência química e drogadição. (SCHIMITH *et. al.*, 2019, n/p)

Desta forma, ao falar sobre dependência química, é importante ressaltar que estamos falando sobre um fenômeno que se constitui a partir da substância, do sujeito e do contexto sociocultural, o que se torna impossível estabelecer apenas uma única visão sobre a etiologia, seja ela biológica, social ou psicológica. (SOUZA, 2017). Portanto, a dependência química é compreendida como uma condição estabelecida entre o sujeito e a substância psicoativa que resulta em sofrimento, envolvendo aspectos biológicos, sociais e psicológicos.

### **UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Apesar de a dependência química ser um tema com pauta de grandes discussões, ainda se encontra poucos estudos fundamentados na psicanálise (REIS, 2014). Segundo Sigmund Freud, o álcool e as drogas servem como alívio do desprazer causado pela dor psíquica ou física (NADVORNY, 2006, p. 56). Ele afirma em *O mal estar da civilização (1930)*:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar um refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. (1974, p. 97).

O uso abusivo de drogas está, em um primeiro momento, relacionado à busca máxima do prazer, que é inerente ao psiquismo. Ao longo da sua existência, o ser humano procura encontrar situações que lhe proporcionem prazer e, também, diminuir ou eliminar condições que causam dor ou sofrimento. (PRATTA; SANTOS, 2012)

De acordo com Lima (2008), para Sigmund Freud, as drogas têm um lugar permanente na economia de libido, em que, se seguirmos o seu raciocínio, é possível ter como hipótese de que quanto mais repressão existir na sociedade, maior será o uso de drogas pelas pessoas.

Se isso for verdadeiro, encontraremos um aparente paradoxo, pois o usuário de drogas seria então uma denúncia do sistema, na medida em que tem de buscar a satisfação humana em outras formas não institucionalizadas, negando inclusive o princípio de desempenho. Já alguns autores da atualidade defendem que foram frustradas as tentativas de caracterização da personalidade típica do dependente de drogas. (LIMA, 2009, n/p)

Além disso, segundo Ribeiro (2009), o desenvolvimento das civilizações e do psiquismo impõe sacrifícios ao ser humano, o que pode ocasionar sofrimento ao indivíduo. Dessa maneira, uma das medidas procuradas pelo ser humano para suportar e/ou evitar o sofrimento são as substâncias tóxicas que agem diretamente sobre a química do corpo humano, tornando os homens insensíveis ao próprio sofrimento.

Ao falar sobre a relação entre o uso abusivo de álcool e outras substâncias e a dependência química, a partir do ponto de vista psicanalítico, é necessário abordar as questões que envolvem o tema da proibição e como a psicanálise compreende esses mecanismos nos indivíduos.

Durante o percurso de Sigmund Freud, ao lançar "*Totem e Tabu*" (1913), discorre-se sobre as questões relacionadas às proibições e como elas se constituíram durante o tempo, subjetivando os indivíduos. Segundo Mendonça (2011), o Complexo de Édipo, as proibições e a figura do pai, na teoria psicanalítica, contribuem no desenvolvimento de uma dependência química, principalmente quando o indivíduo possui uma estrutura neurótica.

As estruturas psíquicas, descritas por Freud ao longo da sua carreira, desenvolvem e se relacionam de formas distintas com as substâncias – álcool e drogas. Na neurose, em especial, há a interdição relacionada à figura do pai, onde o prazer é algo interditado de forma completa, o que pode ocasionar à procura por outros objetivos com o intuito de vivenciar o prazer reprimido, buscando-se alternativas, como por exemplo, o uso de substâncias psicoativas (MENDONÇA, 2011).

Além disso, através das proibições, há o recalque de conteúdos que se tornam inconscientes, mas que continuam presentes durante a vida do indivíduo, podendo ser manifestados através dos sintomas, como a busca pela satisfação pulsional vinculada ao prazer pelo uso de substâncias. (MENDONÇA, 2011).

Considerando o processo que leva à renúncia pulsional e ao recalque, compreendemos que, por este, a identificação com o pai na primeira infância se prolonga com a internalização das ordens e proibições, por meio do supereu. Por outro lado, os desejos incestuosos ou incompatíveis com o eu são suprimidos. Contudo esses conteúdos que foram recalcados, e que, portanto, tornaram-se inconscientes, podem voltar a se manifestar, por exemplo, por meio dos sintomas (MENDONÇA, 2011, p. 247).

Ainda de acordo com Mendonça (2011), as questões que circundam as proibições podem ser um grande fator motivacional para o uso abusivo de substâncias, que podem levar a um quadro de dependência química. Na neurose, há uma maior propensão da dependência às substâncias, pois esse tipo de estrutura psíquica está

relacionado propriamente às proibições. Entretanto, apenas o tipo de estrutura psíquica não é suficiente para explicar a relação entre o sujeito e a substância, visto que essa relação é permeada de vários fatores que deverão ser analisados.

Ao falar sobre a dependência química, é importante salientar a diferença entre o uso de ordem recreativa e o uso compulsório. O uso recreativo é considerado de forma esporádica com o intuito de diversão, sendo caracterizado como um uso controlado pelo indivíduo. Já o uso compulsivo, por sua vez, é descrito como um descontrole e falta de limites ao usar as substâncias, o que se torna algo central e indispensável na vida do indivíduo. (GIANESI, 2005)

Essas duas formas de uso estão relacionadas a diversos fatores, como a ordem biológica e os fatores psíquicos e subjetivos de cada pessoa, em que apenas um tratamento pautado nos fatores neurológicos e fisiológicos podem não ser o suficiente, sempre sendo necessário realizar em conjunto um tratamento psicanalítico. E, para Giansesi (2005), os conteúdos inconscientes são de grande importância na composição da dependência química, havendo uma grande relação entre a estrutura psíquica inconsciente, a busca pelo uso de substâncias e, conseqüentemente, a busca por essa satisfação.

[...] o consumo de drogas em uma 'balada' por grupos que querem simplesmente obter uma forma de diversão *a mais* nos parece ser diferente daquele de um sujeito que, por mais que se esforce e tenha sua vida arruinada por tal prática, não consegue dela prescindir. A partir dessa perspectiva, mesmo para aquele que decide pelo recurso às substâncias tóxicas como uma maneira de suportar o mal-estar inerente à civilização e à condição humana, restaria ainda outra possibilidade de *escolha*: drogar-se ou intoxicar-se cronicamente. (RIBEIRO, 2009, n/p).

Outro aspecto importante de ser pontuado na dependência química é a relação estabelecida entre o sujeito e a substância, ou seja, o quanto de investimento libidinal é depositado no objeto, pois, quanto maior o investimento, maior será sua dependência e intensidade de uso. Segundo Vianna (2014, p. 300): “Uma vez que um objeto é investido pela libido e traz satisfação, o sujeito tem grande dificuldade em abrir mão dele.”

Esse investimento se caracteriza como uma busca pelo prazer relacionada ao objeto. Porém, essa análise não deve ser pautada como se a substância fosse um objeto de inteira fonte de prazer, pois, no primeiro momento, o uso de drogas pode ser muito prazeroso e ser de forma instantânea, no entanto, seu uso contínuo pode acarretar em sofrimento psíquico e físico ao sujeito, tornando-se como uma única fonte de prazer existente, acarretando em um ciclo que se repete (VIANNA, 2014).

Com isso, o sujeito passa a não reconhecer outras formas de busca de prazer. Aqui nos deparamos com o paradoxo das promessas da droga: embora o consumo da substância garanta de imediato o alívio do sofrimento psíquico, quando a pulsão destrutiva fala mais alto a compulsão pela droga se instaura. De alívio da angústia a função do uso da droga sob o regime do gozo se reverte para uma busca de satisfação masoquista no sofrimento (VIANNA, 2014. p. 303).

Do ponto de vista psicanalítico, o uso abusivo de substâncias demanda um olhar para o sujeito implicado nesse módulo. Ao realizar o tratamento psicanalítico, Dockhorn *et. al.* (2013) ressalta a importância de não realizar um tratamento visando o rápido alcance do estado de abstinência e a sua manutenção, mas realizar um trabalho pautado no sujeito e na sua condição decorrente com a relação de exclusividade com a substância, não necessariamente sendo um trabalho pautado na dependência química.

Não há consenso entre os autores da Psicanálise acerca do termo utilizado para referir o investimento sistemático no objeto droga. Alguns optam por destacar o estado de adição, isto é, de escravidão ao objeto, enquanto outros defendem a utilização do termo "toxicomania", que se refere a uma modalidade de ligação tóxica com o objeto droga. (DOCKHORN *et. al.*, 2013, n/p)

A autora ainda ressalta:

É preciso, pois, considerar o sujeito da drogadição ou da toxicomania em sua dimensão de singularidade. Com o objetivo de sustentar a compreensão da dependência química como expressão de um funcionamento psíquico no qual a droga se tornou objeto de necessidade (e não de desejo), opta-se, neste artigo, pelo uso da expressão "toxicomania". [...] toma-se a toxicomania como a relação intensa e exclusiva do sujeito com o objeto droga, sem qualquer espaço para adiamentos ou substituições. (DOCKHORN *et al.*, 2013, n/p)

Para a psicanálise, portanto, o indivíduo sempre terá uma estrutura dominante e, com isso, há os mecanismos próprios de cada estrutura, bem como os fatores que poderão levar o indivíduo ao uso abusivo de substâncias, conseqüentemente, a um quadro de dependência química. Entretanto, para compreender a relação estabelecida entre o sujeito e a substância, é sempre necessário levar em consideração os diferentes fatores que a compõem.

Além disso, para Torrisian (*s/a apud* Dockhorn, 2013), a psicanálise não irá trabalhar pautado na dependência química propriamente dita, mas, sim, com o indivíduo que sofre pela condição decorrente de um estado sintomático que evidencia a posição do indivíduo em uma relação de exclusividade com a substância. Com isso, segundo Grassano (2014), o trabalho psicanalítico se faz necessário e eficaz à dependência química a partir da sensibilidade, da capacidade de continência e da escuta qualificada, sendo capaz de oferecer um bom tratamento ao indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto e discutido ao longo desta pesquisa, é possível afirmar, portanto, que a dependência química é considerada um fenômeno biopsicossocial, onde há o envolvimento de fatores individuais, familiares, sociais, biológicos e psicológicos. Com isso, torna-se impossível delimitar a dependência química apenas por uma única perspectiva, considerando-se que para ser analisado é necessário um olhar para diferentes âmbitos.

Entretanto, a finalidade da pesquisa é compreender a existência da dependência química através do viés psicanalítico, o que foi possível de ser alcançado e discutido. Para a psicanálise, o consumo de substâncias é apreciado como um benefício na tentativa de produzir o prazer e, principalmente, afastar-se de sofrimentos inerentes a existência humana, tornando-se um refúgio e um amortecedor às preocupações. Além de que, para Sigmund Freud, o aparelho psíquico humano visa o alívio da tensão, buscando-se o prazer e evitando o desprazer.

Dessa forma, as contribuições do trabalho psicanalítico na dependência química tornam-se extremamente necessário, visto que deve ser uma prática pautada na existência do sofrimento humano derivado do uso abusivo de substâncias psicoativas. É necessário ressaltar a importância do trabalho interdisciplinar, pois, em alguns casos, há a necessidade de acompanhamento com outros profissionais, não existindo resoluções rápidas para a dependência química, mas, sim, um tratamento qualificado, ético e humanizado aos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. **Contexto histórico do surgimento e consumo de algumas drogas naturais e sintéticas**. 2013. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/TCEM2013-Quimica-AdrianoRodriguesAlmeida.pdf>> Acesso em: 04 junho 2022.

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-V**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DOCKHORNA, C. N. B. F.; MACEDO, M. M. K.; RIBAS, R. F. As lógicas da toxicomania e a condição do sujeito. **Revista Brasileira de Psicologia**, 2014, n. 3, v. 15. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celq.org.br/pdf/v15n3a02.pdf>> Acesso em: 08 junho 2022.

FIDALGO, T. M.; NETO, P. M. P.; SILVEIRA, D. X. **Abordagem da dependência química**. 2011. Disponível em: <

[https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca\\_virtual/esf/1/casos\\_complexos/Vila\\_Santo\\_Antonio/Complexo\\_12\\_Vila\\_Abordagem\\_dependencia.pdf](https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/casos_complexos/Vila_Santo_Antonio/Complexo_12_Vila_Abordagem_dependencia.pdf)> Acesso em: 08 junho 2022.

FONTES, M. A. **O que é a dependência química? Tipos de drogas, efeitos e tratamentos.** 2014. Disponível em: <

[https://www.cemp.com.br/arquivos/98752\\_66.pdf](https://www.cemp.com.br/arquivos/98752_66.pdf)> Acesso em: 08 junho 2022.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos.** 1930-1936. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2010, v. 18.

FREUD, S. **Totem e Tabu.** 1912-1996. Rio de Janeiro: Imago.

GIANESI, A. **A toxicomania e o sujeito da psicanálise.** Psychê. São Paulo, v. 9, n. 15, p. 125-138. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30715909.pdf>> Acesso em: 08 jul 2022.

GRASSANO, T. O. A. **Uma leitura psicanalítica da dependência química.** 2014. Disponível em: <[https://psicanalisearacaju.org.br/biblioteca/uma-leitura-psicanalitica-da-dependencia-quimica#:~:text=O%20dependente%20qu%C3%ADmico%20precisa%20de,ponto%20em%20que%20ele%20parou.http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702014000200009http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=135](https://psicanalisearacaju.org.br/biblioteca/uma-leitura-psicanalitica-da-dependencia-quimica#:~:text=O%20dependente%20qu%C3%ADmico%20precisa%20de,ponto%20em%20que%20ele%20parou.http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200009http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=135)> Acesso em: 08 junho 2022.

HESS, A. R. B.; ALMEIDA, R. M. M.; MORAES, A. L. **Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos em abstinência em ambiente protegido.** 2012.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/3grKGPjGzNhnqcWLSBYR5YM/?lang=pt>> Acesso em: 08 junho 2022.

LIMA, A. F. Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade.

**Psicologia & Sociedade**, 2008. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/9bZdr3zfr5YYtyb3m8c5KZS/?lang=pt>> Acesso em: 08 junho 2022.

MEDEIROS, K. T.; MACIEL, S. C.; SOUSA, P. F.; TENÓRIO-SOUZA, F. M. DIAS, C. C. V. **Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários.** 2013. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/pe/a/MGGG5R3MMmszKjgjn8D5NqH/?lang=pt>> Acesso em: 04 junho 2022.

MENDONÇA, J. A droga como recurso ao mal-estar na civilização. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n2/v17n2a06.pdf>> Acesso em: 05 jul 2022.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ptp/a/fvMV4H47vTXFg9GxxXS4dtb/?lang=pt>> Acesso em: 08 junho 2022.

RAUPP, L.; SAPIRO, C. M. **Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo.** 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Xfmtbygnt3vRWq6ZGbZRCcH/?lang=pt>> Acesso em: 04 junho 2022.

SCHIMITH, P. B.; MURTA, G. A. V.; QUEIROZ, S. S. **A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da Psicologia brasileira.** 2019. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/7zyGyDjyvbP6KvYzzvVCJpr/?lang=pt>> Acesso em: 08 junho 2022.

SOCCOL, K. L. S.; TERRA, M. G.; RIBEIRO, D. B.; TEIXEIRA, J. K. S.; SIQUEIRA, D. F.; MOSTARDEIRO, S. C. T. S. **O cotidiano das relações familiares com indivíduo dependente químico.** 2014. Disponível em: <

<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/35967>> Acesso em: 04 junho 2022.

SOUZA, A. M. **Compreensões psicológicas sobre a dependência química.** 2017. Disponível em: < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0425.pdf> > Acesso em: 08 junho 2022.

SOUZA, T. S.; CALVETE, C. S. **História e formação do mercado das drogas.** 2017. Disponível em: <<https://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Hist%C3%B3ria%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20mercado%20das%20drogas.pdf>> Acesso em: 04 junho 2022.

TORCATO, C. E. M. **A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República.** 2016. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05102016-165617/publico/2016\\_CarlosEduardoMartinsTorcato\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05102016-165617/publico/2016_CarlosEduardoMartinsTorcato_VCorr.pdf)> Acesso em: 04 junho 2022.

VIANNA, A. A aliança do supereu com a pulsão e morte no uso de drogas. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 299-314VIA. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v46n2/v46n2a08.pdf>> Acesso em: 08 jul 2022.

ZIMERMAN, D. **Neuroses: Fundamentos Psicanalíticos.** Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 197-206.